



(A serviço da

Ricardo Silva (Pós/PST)

A FENOMENOLOGIA

fundamentação filosófica

da ignorância)

Este instituto vive um momento de **rechaço de toda sorte de referenciais teóricos**, sobretudo daqueles já instituídos, como é o caso da Psicanálise e do Behaviorismo, e a conseqüência mais mortal dessa busca de **novos modelos** é uma certa vacuidade causada pelo abandono do **antigo modelo**. Esse espaço intersticial, porém, vem sendo rapidamente preenchido com uma **interpretação tacanha da fenomenologia**. Nossa descrença quanto a qualquer **grande narrativa totalizadora** capaz de dar conta do existente – que alguns chamariam de **pós-moderna** – encontrou na fenomenologia as condições necessárias para se desenvolver. A redução fenomenológica postulada por Husserl aponta para a exclusão de todo hábito, o que converte a fenomenologia em uma descrição daquilo que se mostra por si mesmo e que se oferece imediatamente à consciência, i.e., o fenômeno. Por isso a fenomenologia nada pressupõe, nem o mundo natural, nem o senso comum, nem as proposições das ciências ou os fenômenos psíquicos.

Os alunos de Psicologia, por sua vez, **incorporaram tais pressupostos de maneira muito peculiar**, utilizando-os como fundamento de uma atitude radicalmente cética em relação à própria ciência e, conseqüentemente, **irracional e antiintelectualista**. Pensamos ser possível **prescindir das análises teóricas, enquanto atuamos sem preconceitos e ideologias, reinventando, dia a dia, a teoria e a técnica**. Segundo esse argumento, julgamos necessário e até mesmo desejável que não entremos em contato com teorias já acabadas. Basta a ação no mundo, a pura práxis.

A conseqüência disso só poderia ser a mais absurda: não precisamos mais estudar, nem mesmo a fenomenologia (notemos o *nonsense*), **afinal, ela também**

é um referencial teórico como todos os outros que se pretende pôr em suspenso. Como se vê, a preguiça, a ignorância e a mediocridade passaram agora a contar com uma justificativa filosófica: **“eu não estudo as teorias existentes porque quero manter minha mente livre de idéias preconcebidas”**. Mas mesmo a estultice merece explicação: os alunos que não chegaram a dominar minimamente, por preguiça ou inépcia intelectual, os fundamentos de nenhuma das diversas teorias postas à nossa disposição ao longo do curso (digo isso porque acho impossível crer que nenhuma delas tenha agrado o paladar de nossos exigentes colegas) **rejeitam-nas todas e autodenominam-se, ao final do 4^a ano, adeptos da fenomenologia** (como é o caso dos alunos do SAP), mesmo que nunca tenham lido Husserl ou Heidegger. O objetivo, “fenomenologicamente”, é colocar todo o conhecimento acumulado ao longo da história humana entre parênteses (fundamento muito apropriado para aqueles que não conseguiram mesmo acumular conhecimento algum) e recomeçar do zero, da observação. Mas não se reinventa nada, claro, porque o processo todo não passa de uma evidente **racionalização da ignorância** operando sob a **lei do menor esforço**.

Se for para ignorarmos (colocado entre parênteses) **todo fundamento teórico, eu me pergunto: por que decidimos fazer faculdade?** Olhar para o mundo e supor que ele é como se nos parece, interpretando-o segundo os ditames do bom senso, isso nós já conseguíamos fazer antes mesmo de entrarmos na USP. Consiste em excelente exercício imaginarmos tal pensamento aplicado à biologia, i.e., se todas as vezes em que fosse necessário estudarmos uma bactéria devêssemos reinventar o microscópio (e redescobrir as leis da óptica), além da teoria sobre tais organismos para que não fôs-

semos influenciados pelos equipamentos ou teorias preexistentes. **Pior ainda:** imaginemo-nos prestes a sermos submetidos a uma cirurgia cardíaca escutando o seguinte diálogo entre o cirurgião e o anestesista: “como meu método de trabalho é aquele da fenomenologia, nunca li nada sobre doenças ou cirurgias cardíacas, para que isso **não influenciasse meu julgamento sobre o estado dos pacientes**. Assim, poderei executar este procedimento cirúrgico **livre de ideologias e preconceitos** sobre as patologias cardiovasculares”. Felizmente, em nossa profissão, quando racionalizamos a ignorância não matamos os pacientes.

Mas é claro que a própria fenomenologia também possui sua parcela de culpa nessa **nossa apropriação indevida do método fenomenológico**: a idéia de que é possível **suspender o julgamento** e agirmos no mundo sem preconceitos é **absurda**. Nada mais perigoso que **aquelas pessoas que julgam estarem agindo livres de ideologias**, porque quem julga não professar qualquer ideologia, geralmente já está professando, sem saber, a ideologia dominante. E para concluir, quero ressaltar que nossa política, que se diz inspirada na fenomenologia, **é a de agir primeiro e conferir depois**. Considerações sobre a **adequação ou inadequação dos mais diferentes referenciais teóricos sequer se colocam como um problema para nós**. Pelo jeito perdemos mesmo o bonde da história: só agora estamos entrando em nossa **“pós-modernidade”** enquanto que os **mais lúcidos** ou nunca a consideraram seriamente, ou já a **abandonaram há tempos**. Não estranhemos, portanto, que esta geração não venha nunca a produzir grandes teóricos: a **apologia da ignorância nunca esteve tão bem fundamentada**.

A FRAUDE DA FORMAÇÃO

Patrícia Rabaça (03)

O estudante de psicologia deveria ou não passar pela experiência de análise? Uns acreditam piamente que sim e outros tem repulsa só de pensar. Vamos então pensar as duas possibilidades e tudo o que está envolvido nelas?

Na verdade esse é apenas um convite à discussão pois, como eu pertencço ao primeiro grupo (o dos que acreditam que o aluno deveria sim passar por essa experiência) me sinto quase que incapaz de discutir sobre o outro lado, e espero que alguém escreva sobre isso numa próxima edição do BOCA, não só para que eu possa repensar (já que sou quase que a única com essa opinião) tudo mas para que todos os interessados no assunto possam se questionar e repensar as coisas. Primeiro ponto: Qual é o trabalho do psicólogo depois de formado?

À parte as diversas formas e áreas de atuação profissional do psicólogo, se nos tivermos especificamente no perfil de atuação profissional cuja função social é ajudar a lidar ou amenizar o sofrimento psíquico, seja em instituições ou da maneira clínica tradicional, acredito que neste caso o psicólogo torna-se um facilitador ou contribuinte num processo, um facilitador do auto-conhecimento do outro. A isso costumamos chamar de um **olhar clínico**, independente de a atuação se dar dentro ou fora de uma clínica tradicional. Além disso, qualquer um que recebe o diploma de psicólogo pode, depois de formado, resolver atuar com o olhar clínico.

Onde fica a responsabilidade social da Universidade sobre o poder que concedeu a tal pessoa?

E como é que se aprende esse olhar clínico hoje em dia? Vindo na faculdade e engolindo um monte de teorias para depois vomitar tudo em alguém no consultório ou em qualquer outro lugar que se trabalhe, sob a supervisão de um profissional experiente. Tudo isso apenas num nível intelectual, sem uma real "introjeção", sem um conhecimento eu diria "encarnado" do que está sendo feito, ou seja, sem a obrigatoriedade de passar ele próprio – o psicólogo – pela experiência do olhar clínico sobre si. Me espanta ver o pouco questionamento acerca da obrigatoriedade desse sistema aos que trabalharão com o sofrimento psíquico: ao psicólogo não é obrigatório buscar conhecer-se a si mesmo antes de tentar entender o outro. E também me espanta ver as falas contra uma mudança nisso tudo.

Existem milhões de dispositivos que possibilitam o auto-conhecimento por aí, ele não é prerrogativa da psicologia clínica. **Mas a questão que se coloca é: como pode um psicólogo cujo diploma o habilita a atuar com o olhar clínico NUNCA ter se submetido ele mesmo ao auto-conhecimento pelo mesmo método?**

O que proponho, e que na verdade está ainda

em construção (sempre, como todos nós) é uma mudança que chegue mais próxima aos objetivos sociais.

Quem é esse psicólogo que se forma? Ele sabe a importância, a responsabilidade que esse diploma trás?

Ouvindo tudo o que ouço por aí começo a ter certeza que **NÃO**.

E o pior é que existe muita covardia por parte dos próprios estudantes em lidar com isso.

Dá muito trabalho se olhar no espelho, não é? É melhor aceitar o que a elite acadêmica nos impõe e continuar sentados nas cadeiras (novas e amarelas agora!) do que começar a se mexer, a se ver. É mais fácil a onipotência, é mais fácil ser o "senhor conhecedor da verdade" (dos outros, claro) do que se tornar inteiro para conseguir facilitar o trabalho social de ser psicólogo. ...

Bem, sei que a maior crítica a minha idéia de implantação de opção de análise no currículo, um apoio clínico ao aluno, ou algo assim, é que nem todos trabalharão com uma modalidade de olhar clínico. Quanto à isso digo (i) eu não trabalharei nem com pesquisa, nem com estatística (longe disso!), nem com comportamento animal, etc... mas um dia pode ser que eu mude de idéia, não é? (ii) será que alguém dúvida que uma pessoa que se conhece tem maiores possibilidades de diferenciar o que é seu e o que é do outro, de entender porquê faz uma escolha e não outra, de não querer preencher no outro, através do outro, o que teria de preencher em si?

Enfim, quero muito começar essa discussão e gostaria de ouvir a opinião dos demais, seja através do BOCA, seja através de um e-mail (patrifr@terra.com.br).

No meu próximo texto irei dialogar com o que me for dito para que juntos possamos elucidar essa idéia e construir alguma coisa mais eficiente do que simplesmente ler um monte de coisas e achar que é o suficiente para sair com um diploma de psicólogo por aí. Sinceramente, se ser psicólogo for isso, eu começo a ter vergonha da minha futura profissão.

Mas é que não era um livro comum, não aos olhos de Kant. Aliás, o que era comum aos olhos de Kant? Pretendia ler apenas um pouco, mas a emoção foi tão forte que o tirou de sua órbita.

O próprio Immanu-el explica o facto:

"Algo de emoção intensa surpreendeu-me o espírito. Numa primeira leitura, através da qual pude ter o primeiro contacto com o fenómeno, embriaguei-me como se tivesse sido tomado por alguma Paixão. E isso me absorveu por completo.

O estilo da escrita, a forma do raciocínio, de uma delicadeza e uma beleza tão simples, como se tecesse uma montanha ou uma teia de aranha. Era tão belo, de tão formosa tessitura, aquele texto, que no primeiro contacto não pude me deter no seu conteúdo, tendo atado-me apenas à forma do texto, de tal maneira que posso dizer sem sombra de dúvidas que, ao primeiro contacto, estive sob as rédeas de um encantamento, que me cegava o seu conteúdo."

Depois disso, já "recobrado de si", Kant pôde, com toda a sua clareza e honestidade intelectuais que lhe eram característica, deter-se no conteúdo do "Emílio", de Rousseau. Mas, claro, esse "encantamento" custou-lhe um atraso, célebre, que hoje faz parte da História da Humanidade."



ENIGMA (Busilis, 00) ??? (α) ENIGMA (Ω) ??? KANTIANO

"Certa vez, na antiga Königsberg, houve um facto que tirou a cidade da rotina. Um dos seus mais curiosos e ilustres habitantes, de nome Immanu-el Kant, atrasara-se em seu passeio diário pela cidade.

Sim, porque o velho Immanu-el (velho de espírito, pois à época do ocorrido, Kant era um desses jovens en-tusi-astas, interessado pelas coisas do mundo) era pontualíssimo. As pessoas costumavam saber a hora certa através de Kant que, se passeava pela praça, era porque certamente já era cinco horas da tarde. E coisas assim.

Mas, naquele dia, o que poderia ter ocorrido com Immanu-el, que estava...atrasado!?

Era um verdadeiro enigma kantiano, esse.

O facto é que Kant estava profundamente emocionado, lágrimas caíam dos seus olhos, enquanto lia aquele "pequeno" volume do "Emílio", de Rousseau, sentado sob a sombra de uma árvore.

Mas como? Kant atrasara-se em seu passeio devido a um livro?

CARTA PROGRAMA: CHAPA OUTRAS PALAVRAS

A Chapa e o CA:

Consideramos que o Centro Acadêmico Iara Iavelberg não tem sido um palco através do qual os estudantes se organizam para articular ações das mais diversas. Entendemos que deve ser por excelência, um instrumento que viabiliza idéias, propostas e projetos dos estudantes, dando as condições necessárias para que ocorra a discussão e a integração dessas ações entre toda a comunidade IPUSP. Vemos, portanto, no CAII um espaço potencializador da ação estudantil.

Consta do estatuto do CAII que este é formado por *todos os alunos regularmente matriculados no curso de graduação do Instituto de Psicologia* e que todos os estudantes gozam de iguais direitos e estão sujeitos a iguais deveres. A diretoria, por sua vez, é composta por um grupo de estudantes que se dispõe a discutir organizar e a estruturar ações dos alunos do IP, partindo da concepção de que quaisquer movimentos políticos e culturais já fazem parte do CA.

É dessa forma que concebemos o Centro Acadêmico, e é a partir dela que vamos estabelecer o lugar da diretoria dentro dessa organização. Entender o CA como um espaço dos estudantes do IP e definir um papel para um grupo eleito de alunos podem, a princípio, parecer posições contraditórias, mas a incoerência se desfaz quando pensamos na necessidade de responsabilizar pessoas pela organização do espaço como um todo. Não estamos falando da organização da ação pura e simplesmente, mas da reflexão e integração das ações em curso, do desenvolvimento e da articulação de idéias e projetos.

Dessa forma, queremos que o CA seja um centro de referência para os estudantes; lugar onde possam pensar meios para frutificar suas idéias. O papel da diretoria é, por isso, o de convergir, organizar, disse-

minar e propor idéias, projetos, ações, etc. Essa não é uma tentativa de hierarquizar papéis, mas de dividir tarefas e responsabilidades para que o CA, da maneira como concebido aqui, seja tanto possível quanto viável.

A comunicação é um dos pontos fundamentais dessa proposta de CA. Uma comunicação realmente eficaz faz com que as informações circulem, tanto a de cunho acadêmico quanto a de cunho político. O que nós estamos propondo é uma democratização da ocupação do espaço público, através da comunicação, visando proporcionar uma concreta oportunidade de participação aos estudantes.

Como viabilizar nossa proposta?

Vários são os temas para serem colocados em discussão no IPUSP. Desde temas que dizem respeito aos processos imediatamente relativos ao nosso Instituto, ou seja, ao seu funcionamento (BOCA, Semana de Psicologia etc) até aos que transcendem esse espaço, sejam eles, questões relativas à Universidade como um todo e à relação do IP com ela (DCE, CCA etc), à psicologia enquanto curso de formação e enquanto prática profissional, a inserção dessas questões na sociedade (EREP, Grêmio da Saúde etc) e vice-versa (Fórum Social Mundial, de Educação etc). Partindo da nossa concepção de Centro Acadêmico, propomos que essa discussão abranja os mais diversos alunos, integrando-os, ouvindo-os e garantindo a suas participações em todo o processo. Para tanto, consideramos fundamental a manutenção de duas práticas: a pauta conjunta e a transparência administrativa.

Para viabilizar a primeira, nos comprometemos a manter uma lista no mural do CA para que os estudantes possam sugerir

Carolina R.(03), Cristina (04), Danilo (01),
Fernanda S.(03), Flávia (03), Leonardo (03),
Marcos (01), Ronaldo (04), Tânia (03).

assuntos para a pauta da próxima reunião, cabendo à diretoria organizar a seqüência dos assuntos propostos e divulgar a nova pauta com antecedência. Essa se configura uma tentativa de aumentar a participação dos alunos nas reuniões do CA, aumentando, assim, a discussão de assuntos que, de uma forma ou de outra, estão ligados a cada um de nós.

Para garantir a segunda, nos responsabilizamos por fazer um planejamento financeiro periódico, em reuniões marcadas com antecedência e amplamente divulgadas, para viabilizar a participação do maior número de pessoas com a maior participação das pessoas. A chapa se responsabiliza, também, por divulgar um balanço mensal da situação financeira, através do mural do CA, e por facilitar o acesso aos recibos e às notas fiscais a todos os alunos interessados. Essa idéia de orçamento participativo parte do pressuposto de que os membros da diretoria não detêm poder absoluto sobre o uso dos recursos do CAII.

Por fim, propomos uma avaliação periódica da gestão. Entendemos que por ser o CAII formado pelos estudantes do IP, estes têm um papel decisivo do direcionamento das ações do CA. Por isso, a questão da avaliação é essencial para que tenhamos um feed-back de nosso trabalho, buscando sempre a viabilização das ações estudantis. Assim, nos comprometemos a criar um canal de comunicação, análise e avaliação da gestão onde se possa, em conjunto, buscar uma melhor atuação.

É dessa forma que queremos concretizar a proposta idealizada de construção coletiva do C.A.I.I..

COMISSÃO ORGANIZADORA DO BOCA

Danilo Silva Guimarães (01), Fernanda Silva Gonçalves (03), Guilherme Gibran Pogibin (98), Jonas Boni (02), José Israel Guedes Rodrigues (01), Patrícia Ferreira Rabaça (03) e Tânia Lisboa Machado (03)

Diagramação: Jonas Boni (02)

O BOCA publica textos com autoria identificada, recebidos no boca@yahoogrupos.com.br até às 12h do domingo, como anexo da mensagem do seu encaminhamento e no formato MS-Word.doc, observando-se a ordem do recebimento e o limite máximo de 5000 caracteres (inclusive espaços) por texto, quando o número de páginas previsto para a edição impuser a necessidade desse limite. Há mais normas operacionais, tanto para o recebimento de colaboração, quanto para a sua edição, que serão informadas sempre que haja solicitação específica. A responsabilidade pelas opiniões e informações publicadas é inteiramente dos respectivos autores.

A C. O. do BOCA reúne-se toda terça-feira às 12:30min, à sombra do Ipê em frente da Biblioteca do IP. PARTICIPE!!!

Partida

Sinto-me extremamente cansado,
Utilizei todos os meios para te conquistar,
Tudo em vão, meu coração arrasado
Necessita urgentemente descansar.

Viajarei amanhã cedo numa embarcação,
Partirei sozinho com intuito de espairecer,
Não carregarei comigo, nenhuma boa recordação,
Será uma nova vida, não vou querer mais me entristecer.

Esta nova realidade me tornará ainda mais sensível,
A simples visão de um lindo casal a se beijar
Fará-me chorar, minha alma se encontrará sofrível,
Num limiar capaz, por qualquer bela dama, se apaixonar

Prometo a mim mesmo, um dia regressar,
Antes preciso te esquecer por completo, um tormento,
Passei grande parte de minha vida a te amar,
E você o dia inteiro, povoava todo o meu pensamento.

Patrícia Rabaça (03)

FORMANDO FALSOS SELFS

ou Da necessidade de dispositivos
que possibilitem o auto-conhecimento
do estudante de psicologia

Era uma vez um casal.

Ele casou com ela porque ela tinha o nome da ex e o nariz de uma amiga de quem um dia ele foi afim, ela casou com ele porque havia trabalhado pra ele por algum tempo e foi reconhecida em seu trabalho - se sentiu legitimada enquanto mulher adequada, coisa que eu pai não tinha feito.

Portanto ele não casou com ela, casou com a amiga e com a ex (que haviam feito papel de mãe, mas deixa isso pra lá para não complicar...) e ela não casou com ele, casou com o pai que faltava.

Um dia eles se separaram. Ele não podia mais nem ouvir falar no nome dela, mas na verdade não era ela, era o que ele recalrava em si e projetava nela (mas na verdade mesmo não era ele quem recalrava, era o pai dele, que lhe transmitiu essa herança numa trama transgeracional e ele pegou pra si, mas deixa isso pra lá também). Ela ficou deprimida e começou terapia, lá descobriu tudo isso que acabei de contar.

Mas na verdade essa história não era a dela e nem do ex marido, era a da ex mulher do analista dela...

Um analista inteligente, mas que nunca tinha feito análise e, sem nem mesmo perceber, confundia terapia com supervisão!!!

MORAL DA HISTÓRIA:

- 1-Supervisão é uma coisa, análise/terapia é outra.
- 2-Não adianta ser inteligente e conhecer as teorias sem se conhecer.
- 3-Nós, futuros psicólogos, podemos atrapalhar a vida de muita gente se não soubermos sobre nossos próprios pontos cegos (questões e sensações).

NOTAS DIVERSAS

José Israel (01)

CURSO EXTRACURRICULAR DE ESQUIZOANÁLISE

O LAPSO - Laboratório de Estudos em Psicanálise e Psicologia Social - e o Centro Acadêmico Iara Iavelberg, propõem esse minicurso/grupo de estudos para introduzir o pensamento de Deleuze e Guattari no IPUSP. O curso, extracurricular, será ministrado pelo Domenico Hur (pós-PST) em cinco encontros, às quartas-feiras, das 18 às 20h, com início no dia 17/11. Para se inscrever é só mandar um e-mail para domenicoh@usp.br, com seus dados básicos e informando o seu interesse no curso de Esquizoanálise.

PALESTRA "ETHOS E A CONDIÇÃO HUMANA"

O Prof. Dr. Gilberto Safra, Professor Associado do Departamento de Psicologia Clínica do IPUSP e Presidente da sua Comissão de Ética em Pesquisa ministrará palestra sobre "ETHOS E A CONDIÇÃO HUMANA" no Auditório do Bloco 23, na quarta-feira, dia 10.11, das 10h15min às 12h15min. A palestra é uma iniciativa das Professoras Ana Maria de Barros Aguirre e Lillian Meyer Frazão, docentes responsáveis pela disciplina *Ética Profissional*. A entrada é franca.

CONFERÊNCIA "CLÍNICA DIFERENCIAL DA ANGIÚSTIA"

A psicanalista francesa COLETTE SOLER, da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lanciano, da França, ministrará a conferência em referência, no Salão Nobre do Bloco 23 do IPUSP, sob coordenação da Profª Drª Helena Bicalho, na quinta-feira, dia 11.11, às 15h. A entrada é franca.



Funcionário: Bossi.

Balanço Zona Norte

Balança toda pra andar
Balança até pra falar

Boca de sino azul e pouca estatura
Menina doce e de muita cultura

Mas ande bem devagar
Que é pra não se cansar
Pés 34 parecendo um pãozinho
Meia branca e sapato amarelinho

De sorriso fácil e grande coração
Curte MPB, Marisa e Timão
Sua grande amiga é MA e você é MI
Nome de terceira escola DO-RE-MI

Balance os cabelos meus
Balance os cabelos teus
Na USP caminha e balança sem parar
Todos sofrem com seu andar

Num gabinete com vidro de frente pra praia
A jovem Dra atende com capa de cambraia
E olha para o balanço do mar
Que como ela, balança e balança sem parar.

Trauma e fantasia: de que se trata?

Dominique Fingerhann, psicanalista –
Enviado por José Israel (01)

Por incrível que pareça, não é espantoso falar em “trauma do nascimento”! Trauma, do grego “ferida” e mesmo “furo”, constitui o ponto de origem do ser humano. Este se constituiu originalmente como ferido, furado pelo seu encontro malogrado com o Outro. **O sujeito nasce desse trauma: seduzido e abandonado.** A sedução traumática é a sua submissão à lei do Outro que molda a pulsão segundo as leis da representação e promove uma infundável estranheza do ser humano consigo mesmo. O abandono, no entanto, é irremediável, pois essa alienação, essa servidão voluntária, não protege do desamparo: o Outro simbólico abandona mesmo, não assegura o ser de sua identidade. Essas duas versões traumáticas da incorporação da estrutura são normalmente e familiarmente encenadas no romance edipiano de cada um.

A teoria do trauma foi o ponto de partida de Freud quando, ao levar esses romances em consideração, descobriu que as histerias sofriam da reminiscência de um suposto trauma e que seus sintomas constituíam um memorial desse excesso de alteridade do Outro: o seu pecado, a sua falha. No entanto, o ponto de partida da psicanálise se precipitou quando a indagação freudiana precisou a fantasia como determinante dos sintomas: Trauma e fantasia: de que se trata?

Desde então esta é a questão que sustenta toda e qualquer experiência de psicanálise do começo ao fim: do que Outro me fez sofrer? [trauma]. O que faço com isso? [fantasia].

As versões traumáticas da origem de cada um se revelam tramadas a partir de um enredo de representações singulares dirigindo a pantomima do sujeito e orientando seu destino: trauma e fantasia são forçosamente trançados. Freud chega mesmo a dizer que o que torna um acontecimento traumático é a fantasia que se edificou “ao depois”. O trauma é real, mas é fantasiado que ele se faz valer na estrutura: de que trata a psicanálise?

O Outro do mundo é portanto estruturalmente traumatizante, mas então o que dizer quando o mundo nas suas versões imundas ultrapassa as medidas do humanamente suportável? O que diz a psicanálise quando os traumas são intratáveis pelos recursos humanos (as fantasias)?

A Psicologia do uso do branco

Thiago de Almeida (Pós/PSE)

Para aquele que se considera o baluarte do Profissionalismo, da Humildade e da Ética,

Li o texto publicado na mais recente edição do nosso jornal, sob a denominação **AUTORITARISMO, VAIDADE E ÉTICA**, e sinceramente, cheguei à conclusão que o artigo é realmente a caricatura do próprio autor: a pura crítica pela crítica. Ao longo do meu escrito, tentarei elucidar eventuais dúvidas acerca do que o referido artigo pode proporcionar: inverdades e confusão. Para isto, recorrerei aos bastidores da(s) conversa(s) que tivemos a fim de que os leitores possam chegar às suas próprias conclusões.

Informalmente, um dia, o colega chega e me pergunta simplesmente: “Por que você usa o branco?”. Como imaginava que se tratasse de alguma pergunta tal como aquela que, cotidianamente, as pessoas costumam fazer, como por exemplo, “você está bem?”, e na verdade, nem estão interessadas em ouvir-nos, mas tal fala está imbuída de uma função fática, dei-lhe uma explicação que considerei adequada para aquele momento, pois deveria ir para meus afazeres acadêmicos, que ressalto, não são poucos (portanto, peço-lhe a gentileza de me abster como pauta das próximas edições, sob o pretexto de discutir minhas práticas). O aluno ainda dirigiu-se até a sala, onde eu entremeado de trabalhos e prazos ínfimos, tratei-o com a maior consideração, para tentar mitigar a dúvida que ainda persistia. Para meu espanto, não sabia que o mesmo estava fazendo uma reportagem para enviar para o Boca, sem minha anuência, sem minha ciência e sem meu consentimento.

Bem, a respeito do uso do branco em terapia, **mesmo eu não sendo um médico**, há uma vasta literatura que mostra que não só a apresentação do terapeuta em clínica conta bastante, mas também interage com as expectativas dos que são atendidos (algo que, grosso modo, denominar-se-ia comunicação não verbal), e, portanto, tem sua eficácia terapêutica. Aos interessados venham me procurar para obter tais referências.

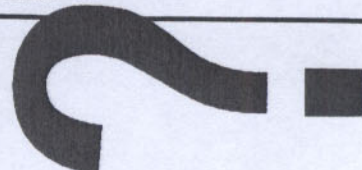
Defendo uma psicologia não do branco, mas uma psicologia não oportunista e cínica, que mostra a que veio e não se utiliza de subterfúgios e pretextos para se promover a custa daqueles que provavelmente não terão como se defender por trabalharem arduamente como eu.

Defendo não uma psicologia alva, mas uma psicologia que se pautela pela Ética e que não distorça as palavras que realmente são ditas semeando a dúvida no coração das pessoas, como penso eu não fazer. Assim, aos que quiserem usar branco ou outra cor, peço apenas que zelem por nossa profissão e pelo bom nome da mesma.

Enfim, defendo uma psicologia não do branco, mas uma psicologia transparente, que coloque o paciente em primeiro lugar, destituída de interesses pessoais, como os que me foram atribuídos, e quaisquer sentimentos primitivos (mesmo que ainda não discernidos) que se preste a manipular a ignorância das pessoas em proveito próprio.

Outra coisa, não me auto denomino “Dr.”, recorrendo a aceção *stricto sensu*, como auto-promoção e para demérito daqueles que galgaram com dificuldades para chegarem até aí, mas omito-me de perder tempo em explicações longas e enfadonhas para aqueles que ligam em meu celular para agendarem seus horários comigo. Assim, ressalto que nunca atuei como médico em minhas práticas clínicas.

A guisa de concluir meu comentário sob o que foi colocado agradeço o aviso que diferencia a psicologia da medicina, como contribuição de meu colega, e se me permitido for também deixar meu conselho: siga seu próprio conselho e não tenha medo de desistir do curso mais uma vez, assim como já está acostumado.



LEMBRANÇAS DA IARA

Eleições CA

A pedido das chapas que estão se organizando para concorrer às eleições do CA, a Comissão Eleitoral estendeu o prazo das inscrições das chapas até terça-feira, dia 9 de novembro, ficando para quarta-feira, dia 10, ao meio dia, a apresentação das chapas, e a eleição nos dias 11 e 12 de novembro (quinta e sexta), das 10:00 às 15:00 horas.

VER-SUS, nossa formação, saúde, prevenção, novos modos de agir em Psicologia

Carolina Ramalho (03) e Rubens (01)

Como alguns já devem saber, quatro pessoas aqui da psico participaram do VER-SUS. São elas o Mário, a Carolina Ramalho, a Aline Davoli, e o Rubens. A sigla significa vivência e estágio na realidade do Sistema Único de Saúde.

Esse projeto surgiu da necessidade que os estudantes têm de conhecer e vivenciar o SUS, já que a Universidade não dá suporte para isso. Assim, o projeto pretende sensibilizar e mobilizar os futuros profissionais da saúde para a construção do SUS, mostrar seu funcionamento, sua história e sua importância. Além disso, esse estágio foi idealizado para que nós possamos mudar a graduação de forma a torná-la mais próxima do SUS, isso pode, aliás, deve ser feito por todos nós.

O Sistema Único de Saúde não é um prédio ou um programa de algum governo, mas as diretrizes contidas na Constituição de 88 como tentativa de que todos sem exceção tenham direito à saúde. Isso porque antes, só quem podia pagar, ou quem tinha emprego podia ser atendido, ou seja, caso não se enquadrasse nesse "perfil", a pessoa não teria atendimento ou teria que recorrer as Santa Casa de Misericórdia, que não tinha esse nome por acaso. A partir dessa diretriz geral se desenvolveram outras, como por exemplo, equidade (quem tem mais necessidades precisa de mais atenção; tratar com igualdade os diferentes) e prevenção (as pessoas não precisam ficar doentes, pode-se promover saúde ao invés de curar doença).

A vivência e o estágio são uma tentativa de deixar os estudantes da graduação mais próximos de como isso funciona na realidade. Existem municípios em que esse sistema funciona bem em outros não tanto, mas que fique claro que é algo em processo e em implementação. De qualquer forma, existe uma avaliação de que as graduações estão muito distantes do SUS. No Instituto, não temos no currículo, ou mesmo em nossas atividades extracurriculares, discussões sobre saúde pública ou experiências de estágio que dêem conta da organização da saúde em São Paulo para além de algumas práticas pontuais. Temos em alguns momentos algumas coisas que perpassam o SUS, como os CAPS, o Charcot, mas temos quase nada de discussão, por exemplo, sobre onde eles se encaixam, como se relacionam com outros serviços, qual o funcionamento ideal que se espera, etc.

Nós passamos duas semanas visitando vários serviços e discutindo todos os dias. Foi impressionante e estimulante.

E onde entra a Psicologia nessa bagunça toda? Primeiramente, a Psicologia é considerada, para o Estado brasileiro, como área da Saúde. Nosso fazer, nossa prática está muito relacionada com saúde, com como lidar com sofrimento, etc. Mas muito pouco se fala em prevenção, por exemplo. Como poderíamos agir sem que fosse somente para dar conta de um grande sofrimento já existente. É possível prevenir sofrimento psíquico? E quem não pode pagar cem reais a sessão, porque não ganha quatrocentos por mês? Se fala muito em trabalho multiprofissional. Quem sabe o que um enfermeiro faz, ou um terapeuta ocupacional, ou um fonoaudiólogo? Estamos nos preparando para trabalhar com outras profissões ou estamos cada vez mais fechados em nosso saber, cada vez mais "bairristas"? É possível esse trabalho?

Isso, na verdade é só uma pincelada do que foi e do que fez pensar o VER-SUS. Poderíamos sentar e conversar mais, ouvir mais. Já ouvimos queixas com relação a divulgação do projeto. Existirão outros e podemos pensar como nos organizar daqui pra frente também, com sugestões de todos.

Assim, **quarta-feira dia 17 de Novembro, falaremos sobre como foi o VER-SUS ao meio dia e meia.** Estão todos convidados a conhecer, criticar, pensar, participar, etc.